

## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Social Dynamics and Relationships Surrounding the Universe of Artisanal Fishing in a Coastal Area of the Mestre Lucindo Marine Extractive Reserve – Pará*

Layse Rosa Miranda da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa, de caráter qualitativo-etnográfico, tem como objetivo contribuir para o debate sobre o conceito de “maretório”. Para tanto, analisa e evidencia o universo simbólico e a produção da existência em torno do universo da pesca artesanal no Distrito de Marudá, município de Marapanim, no Pará. Os resultados apontam como o universo simbólico se constitui a partir do sentimento de pertencimento e da relação com o modo de vida interligado ao ecossistema costeiro-marinho, mesmo diante do impacto causado pelo crescimento do turismo e pela intensificação da pesca artesanal voltada ao mercado capitalista, seguida por sua posterior diminuição. Os dados apresentados são resultados parciais de uma dissertação de mestrado em andamento, que busca refletir sobre a inter-relação entre modernização, mercado e práticas tradicionais no contexto da pesca artesanal no Litoral do Pará.

**Palavras-chave:** RESEX. Maretório. Produção da Existência. Pesca artesanal. Marudá/PA.

**Abstract:** This qualitative-ethnographic research aims to contribute to the debate on the concept of the 'maretory'. To this end, it analyzes and highlights the symbolic universe and the production of existence surrounding the world of artisanal fishing in the district of Marudá, municipality of Marapanim. The results show how the symbolic universe is constituted through a sense of belonging and the relationship with a way of life interconnected with the coastal-marine ecosystem, even in the face of the impact caused by the growth of tourism and the intensification of artisanal fishing aimed at the capitalist market, followed by its subsequent decline. The data presented are partial results of an ongoing master's thesis, which seeks to reflect on the interrelationship between modernization, the market, and traditional practices in the context of artisanal fishing on the coast of Pará.

**Keywords:** Marine Extractive Reserve. Maretório. Production of Existence. Artisanal Fishing. Marudá/PA.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará - UFPA. *ORCID:* [0009-0002-5674-4546](https://orcid.org/0009-0002-5674-4546) - *E-mail:* [Laysecosta83@gmail.com](mailto:Laysecosta83@gmail.com).



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

### **Introdução**

As localidades de maretório<sup>2</sup> das Reservas Extrativistas Marinha, ou RESEX<sup>3</sup>, localizadas no Litoral do Nordeste Paraense têm compatibilidades e semelhanças. Neste sentido, o termo maretório, um conceito em construção evidenciado por Sousa, França & Araos (2024) e utilizado neste trabalho, está relacionado às áreas reivindicadas pelos povos tradicionais extrativistas das zonas costeiras e marinhas, estabelecidas como Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas. É relevante destacar que as RESEX Marinhas, de acordo com Sousa, Araos & Alencar (2023), não têm uma definição própria, mas na Lei 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), existe uma definição para as RESEX baseada no modelo original, surgido da luta dos seringueiros no Estado do Acre. Segundo esta definição, as RESEX são classificadas como uma categoria de Unidade de Conservação de Uso Sustentável (Brasil 2000).

Logo, as RESEXs surgiram como resultado de um movimento protagonizado por uma categoria social específica: os seringueiros do estado do Acre, que, em aliança com o movimento ambientalista e membros da academia – posteriormente denominado socioambientalismo – mobilizaram-se na Amazônia brasileira no final da década de 1980. Ao longo do tempo, o Movimento dos Seringueiros ganhou força e alcançou diversas conquistas, entre elas a promulgação do Decreto nº 98.897/1990, que trouxe a primeira definição legal das Reservas Extrativistas (RESEX), descritas como "[...] áreas territoriais destinadas à exploração sustentável e à conservação dos recursos naturais renováveis, por populações extrativistas" (Santos, 2020, p. 17).

---

<sup>2</sup> Os autores defendem que o maretório se caracteriza como um espaço influenciado pela dinâmica das marés, dos ventos, correntes e ciclos lunares, onde práticas produtivas, como o extrativismo, a pesca, a mariscagem e pequenos cultivos, são realizadas. Este espaço é tanto material quanto simbólico, abrangendo conhecimentos e práticas tradicionais que sustentam a vida das famílias de extrativistas costeiros marinhos. Essas práticas são construídas e reconstruídas continuamente através da fluidez da dinâmica de uso, apropriação e relação com ambientes e ecossistemas costeiros e marinhos.

<sup>3</sup> A partir deste momento, o termo RESEX será também utilizado para se referir a Reserva Extrativista Marinha no decorrer do texto.



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

As primeiras RESEXs, mobilizadas pelo Movimento dos Seringueiros, inspiraram outras categorias sociais marginalizadas, como pequenos agricultores, pescadores artesanais e extrativistas, entre outros, que se identificavam sob o termo "povos da floresta", incentivando-os a lutar por direitos sociais e pela defesa de seus territórios (Sousa, Araos & Alencar, 2023, p. 374). Da mesma forma, o processo de articulação política das populações e comunidades locais da região costeira e marinha do Litoral do Pará buscou criar áreas protegidas no formato de RESEX, adaptadas ao contexto específico desses ambientes.

Nesse sentido, a Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo foi iniciada em 2006 e, após anos de mobilização, foi oficializada em 2014. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 2014), a demanda pela criação de uma Unidade de Conservação foi motivada pelos benefícios obtidos com a RESEX Mãe Grande de Curuçá e pela necessidade de reconhecer os territórios de pesca. O processo incluiu diversos abaixo-assinados das comunidades pesqueiras, organizados e enviados pelo grupo de voluntários que integravam o Comitê que atuava e debatia a criação da Unidade de Conservação no município desde 2005 (ICMbio, 2014, p. 6).

A criação da RESEX Marinha Mestre Lucindo surgiu também como maneira de preservar os conhecimentos tradicionais e simbólicos das comunidades cujos modos de vida derivam desses contextos. Desse modo, este trabalho busca evidenciar esses movimentos simbólicos e a produção da existência em Marudá, uma localidade da RESEX Marinha Mestre Lucindo. Os dados apresentados são resultados preliminares de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento, que visa analisar a interconexão entre modernização, mercado e saberes tradicionais no contexto da pesca artesanal na costa do Pará.

### **Área de Estudo**

Marudá é um dos 15 Distritos do município de Marapanim, localizado no Litoral do Nordeste Paraense. É também uma antiga vila pesqueira que, atualmente, segundo as observações em campo e a literatura de Diego Furtado (2019), Marcia Santos (2020) e o

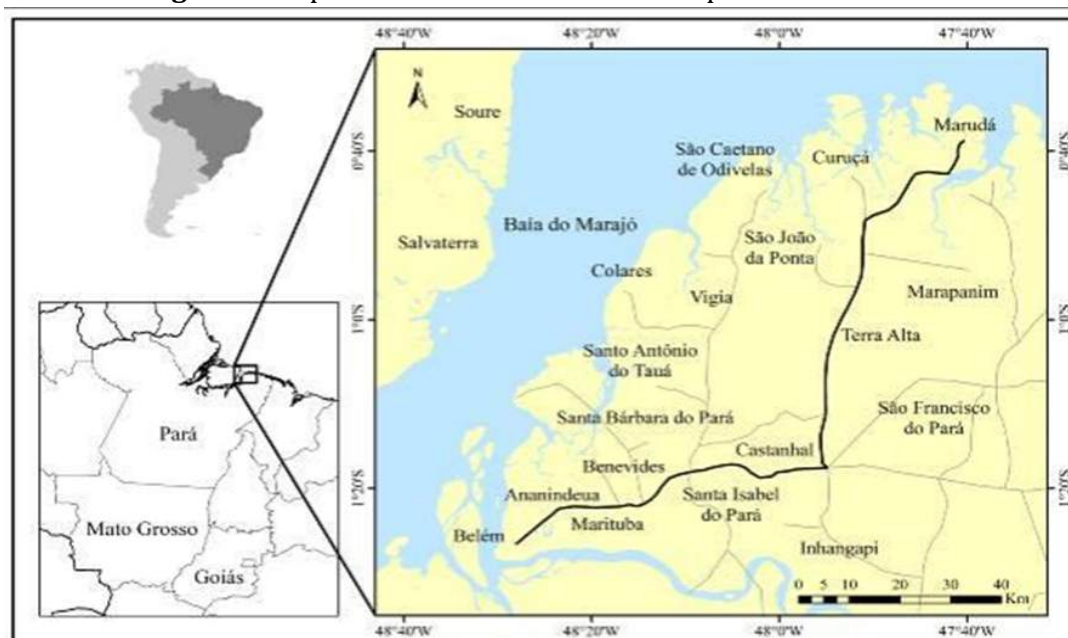


## Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará

Layse Rosa Miranda da Costa

Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marinha, no Município de Marapanim, Estado do Pará (2014), feito pelo ICMbio, muitas residências que pertenciam aos pescadores/as foram vendidas e são ocupadas por turistas, o que levou muitos dos residentes a buscar outras ocupações habitacionais. Logo, as especulações imobiliárias passaram a se intensificar com o turismo balnear<sup>4</sup> sem planejamento.

**Figura 1:** Mapa da área de Estudo e acesso a partir de Belém.



Fonte: Naraiana Benone (2018, p. 378, *Apud*, Furtado, 2019).

Marudá tem oito bairros, sendo o do Sossego e o do Alegre os mais antigos. A pesquisa enfatiza esses dois bairros, pois o campo me direcionou a eles. A rede de interlocutores<sup>5</sup> com quem tenho contato e interação foi se ampliando nesses contextos.

<sup>4</sup> O turismo balnear é uma das categorias do turismo que abrange as atividades turísticas associadas ao aproveitamento e uso de praias, rios, lagos e outras áreas aquáticas para fins de lazer e recreação.

<sup>5</sup> Os nomes originais dos interlocutores de Marudá serão substituídos por nomes fictícios nesta dissertação, como forma de manter o anonimato deles.



## Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará

Layse Rosa Miranda da Costa

**Figura 2** - Imagem via satélite de Marudá, enfatizando os Bairros do Sossego e do Alegre



Fonte: Google Earth, 2023 (adaptação inspirada em Furtado, 2019, p. 379).

Atualmente, a maneira mais recorrente de acessar o município de Marapanim partindo de Belém é por meio de estradas e rodovias. A forma como a maioria das pessoas com quem tenho contato e eu acessamos é através de conduções, como ônibus e carros, que partem do bairro de São Brás, no município de Belém, e seguem pela rodovia BR-316 até o município de Castanhal. Depois, continuamos pela PA-136 até o município de Terra Alta e, em seguida, pela PA-318 até chegar a Marapanim. O trajeto ocorre, em média, no período de três a quatro horas. De Marapanim para o Distrito de Marudá, o trajeto é através da Estrada Marapanim-Marudá, de, aproximadamente, 20 a 30 minutos.

Observei que, fora dos períodos de alta temporada, como as férias escolares em julho e dezembro, além dos feriados, as opções de transporte direto de Belém para Marudá são menos frequentes. Durante esses períodos de baixa temporada, os horários são mais espaçados. Segundo uma vendedora que me atendeu na rodoviária no mês de maio de 2024, as vans partem nos horários das 8h, 10h e 15h. Aos sábados, as vans saem de Belém às 12h, e aos domingos, esse serviço não é oferecido.

Outra forma de acessar a localidade sem utilizar um trajeto direto é embarcar em um microônibus, vans ou veículos informais no bairro de São Brás com destino ao



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

município de Castanhal. De lá, é possível tomar outro veículo em direção a Marapanim-Marudá, uma vez que o transporte de Castanhal para Marudá é mais frequente. Castanhal é o município que se encontra entre Belém e Marudá. O trajeto de Belém a Castanhal dura, aproximadamente, duas horas, e de Castanhal a Marudá, cerca de uma hora e meia. Observei que muitas pessoas que enfrentam dificuldades para utilizar o transporte direto, tanto para Marudá quanto para os municípios de Curuçá e Terra Alta (cujas vias de acesso se dão pela rodovia PA-136), optam por ir até Castanhal e, de lá, tomam outro transporte, que também é mais frequente.

As conduções que fazem esse trajeto entre Marapanim e Marudá são de empresas de veículos conhecidos como vans, ônibus das Escolas Estaduais (disponibilizados pela Prefeitura de Marapanim gratuitamente) e também carros informais, que cobram um valor geralmente acordado entre a maioria dos prestadores de serviço que atuam nessa modalidade. Eles realizam o trajeto entre Marapanim e Marudá e vice-versa, além de oferecerem serviços para outros distritos, principalmente os mais turísticos atualmente, como Crispim e Camará, conforme relatado por alguns. A maioria dos motoristas com quem tive contato (seis pessoas) é natural de Marapanim, do gênero masculino, conhece e é conhecido por muitos outros “filhos e filhas”<sup>6</sup> da região. Em Marudá, muitos trabalhadores informais de transporte também atuam nesse tipo de atividade com seus próprios carros, principalmente em período de férias e veraneio.

Em Marudá, diversos trabalhadores informais do setor de transporte desempenham suas atividades utilizando veículos próprios, especialmente durante as férias e a alta temporada. Assim, pude observar e ouvir, por meio dos relatos dos interlocutores e interlocutoras, que os maiores investimentos na qualidade de vida das crianças e adolescentes de Marudá ocorrem quando os veranistas<sup>7</sup> estão na localidade.

Os dados de trabalhos de campo que realizei foram coletados nos anos de 2018, 2022, 2023 e 2024. Nesse período, estabeleci interlocução por meio de conversas

---

<sup>6</sup> O termo utilizado pelos moradores e moradoras de Marudá para se referirem àqueles que têm origem na localidade está associado a uma representação simbólica de maternidade.

<sup>7</sup> Termo utilizado pelos filhos e filhas de Marudá e, em muitos trabalhos sobre o Nordeste Paraense, para designar os turistas.



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

informais e entrevistas semiestruturadas com 21 mulheres e 15 homens de Marudá, entre pescadores profissionais — associados à Colônia de Pescadores<sup>8</sup> Z-6 — e descendentes de famílias de pescadores, com conhecimentos tradicionais relacionados à pesca artesanal, mas que não se consideram profissionais.

### **Mudanças e continuidades que influenciaram a criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo**

Santos (2020) afirma que, a partir da utilização do método de entrevistas, foi possível identificar os principais conflitos socioambientais presentes na RESEX. Inicialmente, foram conduzidas entrevistas com 16 integrantes do Conselho Deliberativo<sup>9</sup> da RESEX Marinha Mestre Lucindo e foi possível detectar os principais conflitos socioambientais, a partir da menção dos entrevistados: pesca predatória (56,25%), desmatamento (43,75%), degradação dos manguezais (37,5%), descarte inadequado de resíduos sólidos (31,25%), queimadas (25%) e disputas fundiárias (18,75%) (Santos, 2020: 32-33). Falando mais especificamente de Marudá, Santos (2020) detectou em suas entrevistas que os principais conflitos consistem na pesca predatória, resíduos sólidos, queimadas e falta de conscientização dos turistas.

De acordo com Estudo Socioambiental referente à proposta de criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, no Estado do Pará, elaborado pelo ICMbio (2014), os dados e as informações coletados através de entrevistas elaboradas em parceria com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) enfatizavam que os moradores da região pesqueira frequentemente solicitam fiscalização, considerada essencial devido à entrada de "barcos de fora"<sup>10</sup> na área.

Outro problema é a presença de frotas de barcos vindas do Nordeste Paraense que operam em áreas costeiras, mas que deveriam estar em alto-mar, competindo

<sup>8</sup> As colônias são sindicatos que representam os pescadores artesanais profissionais com o objetivo dar suporte junto às esferas governamentais que, de acordo com Cristiane Façanha & Carolina Silva (2017), legitima burocraticamente os pescadores artesanais profissionais.

<sup>9</sup> O Conselho Deliberativo da RESEX é composto por representantes da população local, de associações comunitárias, além de órgãos municipais e federais e as comunidades da RESEX (Santos, 2020, p. 9).

<sup>10</sup> Termo utilizado pelos filhos e filhas de Marudá para se referirem aos barcos de outros municípios que invadem os maretórios de Marapanim.



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

diretamente com a pesca artesanal (ICMbio, 2014, p. 7). Outra questão conflitante são os impactos do turismo, como já relatado anteriormente, pois, de acordo com o ICMbio (2014), embora o turismo seja uma das principais atividades econômicas do município, ele carece de planejamento porque hoje transmite poucos benefícios diretos para os moradores.

Falando mais especificamente de Marudá que, segundo ICMbio (2014), é o distrito mais turístico de Marapanim, o turismo sem planejamento teve início e a pesca artesanal com alto poder predatório para venda nos médios e grandes centros comerciais, como Belém e Castanhal, passou a ser facilitada pelas estradas (Furtado, 1987, p. 3). Todas essas mudanças influenciaram os modos de vida da localidade, pois suas atividades passaram a atender demandas externas, enquanto os moradores locais ficavam sem amparo dos gestores das instituições governamentais.

Isso resultou em desamparo político para as pescadoras e pescadores artesanais da região, especulação imobiliária – devido à venda de propriedades para turistas, que passaram a ser moradores sazonais, principalmente em períodos de férias e feriados.

Outros conflitos foram ocasionados pelos barcos de fora, que, segundo os interlocutores, invadem as áreas de pesca que pertenciam aos estuários<sup>11</sup>, territórios aquáticos ou maretórios marapanienses.

Esses fatores impactaram a pesca e os perigos do território aquático, pois muitos conflitos entre pescadores surgiam dessas disputas, segundo relato das pescadoras e, principalmente, dos pescadores, que eram os que mais se envolviam na captura. O relato da pescadora aposentada Silvia, de 57 anos, reflete essas observações:

Antigamente, lá pra 1980, ixe, era muita fartura de peixe, a gente pegava era muito peixe, pra própria “boia”<sup>12</sup> e pra vender pros atravessadores. Sou de Bragança, minha família toda é de lá, e a gente passava muita necessidade, mas na época, minha tia, que já morava em Marudá, sempre falava que aqui era fartura de tudo e um sonho. Aí eu vim de lá pra cá, vi que era farto mesmo, muito peixe. Assim que cheguei aqui, conheci meu marido, que já era pescador e construímos a nossa família. A gente pescava junto, todo dia a gente ia pra maré pra pegar nossa “boia” e pra conseguir vender uns peixes, camarão pra comprar farinha, café e outros mantimentos. Mas a vida da pescaria é incerta, perigosa e

<sup>11</sup> Ponto em que as águas dos rios deságuam no mar por meio de um único canal.

<sup>12</sup> É um termo utilizado pelos filhos e filhas de Marudá para designar refeição ou alimentação.





## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

sofrida. Na época da desova do peixe não dava peixe, mas a gente entendia que era o tempo das águas, o tempo de Deus. Mas a gente já não queria essa dificuldade pros nossos filhos, ainda mais com o passar do tempo, que foi ficando cada vez mais difícil por causa dessas redes de arrasto que pega tudo que é peixe nosso. Hoje a gente não tem fartura de peixe, não. Aí a gente quer que os nossos jovens estudem e vão buscar por uma vida mais digna do que a vida aqui em Marudá, que não dá muitas oportunidades, ainda mais na pesca, com tudo isso de problema e dificuldade que a gente tem. Os pescadores tão acabando, os que tem são os mais velhos. Hoje, meu marido pesca mais pra nossa boia, pra distrair, mas não vivemos mais disso, até porque, somos aposentados como pescador e pescadora (Silvia, 2023).

Dialogando com a literatura e com minhas observações de campo ao longo dos últimos anos, pude perceber que o afastamento da pesca como atividade exclusiva, comum nos anos de 1980, se deu em grande parte devido aos impactos da modernização e da dinâmica de mercado capitalista, que visa atender às demandas de mercados externos. Um dos principais efeitos desse processo é a pesca de arrasto, realizada pelos "barcos de fora", que, segundo os interlocutores, tem contribuído para a redução do tamanho dos peixes. As redes utilizadas nesses barcos têm malhas com espaçamentos muito estreitos entre nós, capturando peixes em fase de reprodução que são posteriormente descartados, pois não atendem aos critérios de comercialização. Não encontrei trabalhos que evidenciem e falem sobre esses descartes e como podem provocar danos ambientais, mas acredito que seriam fundamentais pesquisas que abarcassem esta problemática.

Além disso, os pescadores relatam que enfrentam diversos perigos e desafios no mar, como conflitos violentos com embarcações vindas de outros municípios do Pará, também denominadas "barcos de fora", que operam em áreas de pesca sem autorização, resultando em disputas territoriais aquáticas com os moradores de Marudá.

Os pescadores mais antigos, por sua vez, demonstram desinteresse que seus filhos e filhas sigam essa profissão. Da mesma forma, muitos jovens não veem a pesca como uma atividade atrativa no contexto da economia capitalista atual, preferindo buscar alternativas de trabalho, porém dando continuidade ao modo de vida em que o pertencimento se faz presente nas relações sociais em torno deste universo, como afirma Ramalho (2004). Muitos pais e mães, embora considerem Marudá uma terra fértil e boa



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

para viver, destacam a carência de infraestrutura básica e a falta de serviços de educação e saúde de qualidade, o que os leva a acreditar que esses benefícios são mais acessíveis em cidades maiores.

A partir desses relatos, ficou evidente um descontentamento generalizado, não apenas em relação à atividade pesqueira em si, mas também quanto à ausência de investimentos governamentais na pesca artesanal. Muitos pescadores se sentem desamparados pela falta de orientação sobre questões burocráticas, principalmente por parte da Colônia de Pescadores Z-6, e pela ausência de fiscalização adequada que garanta a proteção necessária contra os perigos do mar, especialmente em relação aos barcos de fora.

Catharine Prost (2018) ressalta que as Reservas Extrativistas Marinhas alcançaram importantes conquistas. No Pará, por exemplo, representantes das comunidades se reuniam frequentemente em encontros comunitários para discutir diversas demandas locais, incluindo a gestão dos recursos naturais em benefício do bem-estar social. No entanto, apesar dos avanços tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Os impactos ambientais persistem e muitas populações tradicionais, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade econômica e política, não são devidamente beneficiadas ou protegidas por essas políticas públicas e instituições ambientais. Este cenário me levou a refletir sobre o contexto de Marudá, pois, como relataram diversos interlocutores, uma das preocupações frequentemente destacadas pela senhora Ângela<sup>13</sup> era a falta de diálogo com o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo. Vale ressaltar que a Unidade de Conservação ainda não tem plano de manejo, mas já está em fase de elaboração.

Apesar dos conflitos e desafios, a produção da existência no campo simbólico persiste, intrinsecamente vinculada ao modo de vida dessa comunidade tradicional. Essa continuidade se manifesta por meio das ações realizadas nas igrejas católicas, no centro

---

<sup>13</sup> Uma antiga liderança comunitária de Marudá, que deixou seu legado entre os/as moradores/as da localidade.



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

comunitário, na Associação de Mulheres e na relação entre pescadores/as artesanais profissionais e descendentes de pescadores, que fazem parte desse contexto. Assim, essa produção simbólica mantém uma relação estreita com o ecossistema costeiro marinho.

### **Produção da existência em Marudá/PA**

Quando estava em campo, no ano de 2022, recebi peixes frescos de uma das famílias que me recepcionou. A impressão de que estavam se afastando da pesca artesanal se ressignificou para mim. Por muitas motivações, para muitos não é viável viver exclusivamente da captura e, devido a essas circunstâncias, as famílias buscam outras atividades, e a pesca que, em décadas passadas, era fonte de renda exclusiva de muitas famílias, se tornou um complemento da renda familiar. Também é uma atividade em que as famílias produzem suas existências e modo de vida, que não se restringe apenas à captura de peixes para fins de transações comercialização, mas a todos os conhecimentos e saberes ancestrais em relação à captura de espécies aquáticas, as simbologias em torno deste universo, as interações e trocas recíprocas e amistosas, baseadas no princípio da reciprocidade discutido por Mauss (1974), que afirma que as trocas não poderiam se basear apenas em questões econômicas, mas principalmente em questões simbólicas.

Pude observar também algo em comum entre as especificidades na organização social quanto às motivações para atuarem na pescaria, e consiste no que chamam de vocação; ou seja, o ato de capturar não é algo simples, pois necessita de conhecimento, experiência e, principalmente, vocação:

A pescaria é algo que quem tá praticando precisa gostar, e nem todo mundo nasceu com essa vocação. Uns nasceu com a vocação de ser padre, de ser professor, médico, e outros nasceram com a vocação pra pescar, pra ser mestre das águas, pra conhecer de cabo a rabo cada pedacinho dessas águas; pescar certo, com a rede certa cada espécie de peixe, porque não é qualquer rede que pega todos os peixes. Não ter esses conhecimentos faz acontecer o que tá acontecendo aqui; esses de fora vindo com rede de arrasto, pegando tudo porque são gananciosos, não deixando peixe pra gente e nem deixando os peixes se reproduzirem, porque é uma rede tão pequena que pega é tudo, até mato pequeno (Otávio, pescador, 2022).



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

Neste relato, o termo “cabo a rabo” utilizado pelo pescador significa conhecer profundamente os locais onde pescar, os perigos que podem ocorrer, quais redes de pesca são específicas para cada espécie e safra, dentro outros conhecimentos tradicionais e ancestrais, tanto em termos técnicos quanto em termos simbólicos, como afirma Maldonato (2000).

Foram verificadas também diferenças de perspectivas e pontos em comum dentro dessas subdivisões em relação a essa categoria, pois os que vivem da pescaria como principal fonte de renda enfrentam diversos problemas e conflitos com a gestão do município e com pescadores artesanais de outras regiões, como dito anteriormente. Os que pescam por lazer e socialização já não lidam com esses desafios de uma forma tão intensificada, pois não estão presentes frequentemente na pescaria. As pescarias são as armadilhas, as embarcações, os conhecimentos em torno dos manejos dos pescados:

As pescarias – organização sociocultural e econômica do trabalho, manejos técnicos e tecnológicos (barcos e armadilhas, relações sociais) – anunciam modos de ser e fazer-se pescador artesanal distintos, com suas alternativas de apropriação humana (material e imaterial) da natureza aquática de acordo com os tipos de nichos ecológicos e dos pescados encontrados, onde as mediações históricas e as múltiplas dinâmicas societárias, econômicas, jogam um peso importante. Assim, a pescaria é a síntese do processo de (re)produção social do pescador, seja na forma de ser, seja na sua determinação de existência ecossocial (Ramalho, 2016, p. 393).

Atualmente, a pesca artesanal é uma das principais atividades praticadas pelos moradores da localidade, pois percebe-se que, por mais que estejam ocorrendo constantes mudanças no que circunda as relações sociais, ocasionadas pela influência constante da modernização na localidade, buscam se reinventar diante das constantes transformações. Além das produções das existências durante séculos já serem diretamente vinculadas à dinâmica do ecossistema costeiro marinho, foram constantes adaptações e reinvenções ocasionadas pelo sistema capitalista e modernização, como afirma Sztompka (2005). Mesmo que, aparentemente, a pesca esteja sendo deixada de lado por não ser uma atividade econômica exclusiva de muitos e muitas, ela ainda resiste, pois ultrapassa as questões econômicas dentro de um modelo capitalista, por



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

fazer parte dos modos de vida e produção da existência expressos de muitas maneiras e especificidades.

Dessa forma, mesmo diante dos impactos, conflitos e também benefícios causados pelo processo de modernização, os pescadores produzem suas existências através do universo da pesca, que ultrapassa o discurso de preço, como diz Sahlins (1992), pois não se limita a um modo de produção no sentido de um mercado capitalista, mas está vinculado à produção da existência. Em suas práticas sociais e simbólicas, por mais que ocorram muitos impactos que afetam os pescadores/as artesanais e moradores/as, o mundo da pesca, que não se restringe apenas à captura de espécies aquáticas, permanece, de modo que se reinventam dentro de todos os percalços.

O campo simbólico do universo da pesca é muito evidente nas festividades religiosas de santos católicos, e pude observar, através da festividade de São Pedro, uma das maneiras de produção das existências no mundo das águas em Marudá/PA. São Pedro é o padroeiro dos pescadores. Os moradores e pescadores recorriam e recorrem a este santo pedindo ajuda para resolver ou atenuar suas dificuldades (Furtado, 1987) e pedem proteção antes das pescarias. A festa é uma manifestação tradicional que ocorre no dia 29 de junho, mas desde o dia 27 de junho tem festividades para o santo, com orações, brincadeiras, bebidas alcoólicas, comidas típicas da época junina, como mingau de milho, uma festividade em que o sagrado e profano se misturam.

Galvão (1955, p. 39), ao analisar sobre os santos em algumas comunidades caboclas da Amazônia, afirmava que a “[...] devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos”. Sendo assim, alguns santos representam para a comunidade patronos ou advogados de profissões, ou seja, São Pedro é patrono ou advogado dos pescadores e pescadoras.

No dia 29 de junho, dia oficial de São Pedro de acordo com o calendário católico, de acordo com o horário das marés<sup>14</sup>, ocorre a procissão, em que as canoas saem

---

<sup>14</sup> Os saberes relacionados aos horários das marés estão relacionados ao movimento das águas, como enchentes e vazantes. Enchente, segundo os moradores e moradoras locais, se trata de um fenômeno espontâneo que consiste no aumento do nível da água dos rios, lagos e estuários; já a vazante é o contrário e ocorre a redução do volume de água.



## Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará

Layse Rosa Miranda da Costa

seguindo um barco maior, onde a imagem do santo está apoiada, em um cortejo nas marés de Marudá, cheio de pessoas e música religiosas.

**Figura 3-** Procissão de São Pedro em Marudá/PA, em 29 de junho de 2023



Fonte: Registro fotográfico da interlocutora Eduarda, via plataforma digital Whatsapp, 2023.

Dessa forma, o simbólico, as festas religiosas continuam, mesmo com as mudanças da globalização. Sendo assim, as mulheres se organizam para as celebrações tradicionais de santos e santas, muitas das quais, a exemplo da festividade de São Pedro, têm uma conexão simbólica com as águas. A maioria delas vem de famílias ligadas à pesca, embora nem todas estejam tão envolvidas quanto as gerações anteriores, como já mencionado anteriormente. A senhora Ângela era extremamente engajada nesses espaços, principalmente na Paróquia de São Pedro.

### **Contextualizando brevemente a atividade pesqueira artesanal: o modo de vida em suas mudanças e continuidades impactadas pelo processo de modernização**

Abordando brevemente a atividade pesqueira, a história de Marudá não pode ser contada sem a história do pescador e da pescadora, pois suas histórias de vida estão



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

atreladas a ela, visto que a atividade pesqueira artesanal tradicional integra de forma fundamental a rotina dos habitantes de Marudá. Foi um setor em que a senhora Ângela atuou de forma significativa, pois, na época, a dinâmica de mercado capitalista influenciou no alto poder predatório da pesca artesanal — tanto local quanto os barcos de outros municípios, que são considerados invasores por parte das pescadoras e pescadores locais — e industrial, sendo a primeira enfatizada nesse trabalho e na atuação da antiga liderança comunitária.

Isso resultou em desamparo político para as pescadoras e pescadores artesanais da região, especulação imobiliária devido à venda de propriedades para turistas que passaram a ser moradores sazonais, principalmente em períodos de férias e feriados, e outros conflitos ocasionados pelos barcos de fora. Esses fatores influenciaram na sobrepesca e nos perigos no meio aquático, pois muitos conflitos entre pescadores surgiam dessas disputas, segundo relato das pescadoras e, principalmente, dos pescadores, que eram os que mais se envolviam na captura.

Com a modernização impactando em alguns municípios do Nordeste Paraense, a atividade pesqueira tornou-se mais tecnológica, conforme as exigências do mercado capitalista. Como resultado, as tarefas realizadas antes e após a captura foram substituídas por novas ferramentas, levando as mulheres a buscar outras formas de contribuir para a renda familiar através de trabalhos relacionados ao processo de modernização. Nesse sentido, senhora Ângela implantou vários projetos com as mulheres, incentivando a autonomia, principalmente econômica. Observei isso no diálogo de uma das interlocutoras:

[...] Ela não só me ajudou como ajudou muitas mulheres daqui, tu não tem ideia. Teve uma época em que ela implantou um projeto para as mulheres, onde recebeu uma verba. Com esse dinheiro, comprou um monte de máquinas de costura, e a gente ia lá aprender a costurar. A gente tinha oficinas [...] (Claudia, 2023).

Até o ano de 2014, a localidade não estava inserida em uma Reserva Extrativista Marinha, logo os questionamentos da comunidade ressaltando a falta de amparo e de uma gestão governamental que contemplasse os que vivem na localidade eram



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

frequentes e recorrentes e, mesmo após a oficialização da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, as indagações e críticas por parte os habitantes que vivem na localidade são recorrentes. Pode-se observar essas insatisfações nas pesquisas de Marcia Santos (2020) que falam sobre a construção da Reserva Extrativista Mestre Lucindo e também no relatório socioambiental sobre a criação da RESEX, produzido pelo Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade (ICMbio), no ano de 2014.

Dessa forma, os conflitos eram mediados pela senhora Ângela desde antes da criação da Resex:

Vale ressaltar que o papel de dona Ângela<sup>15</sup> na Vila de Marudá tornou-se uma referência no local devido a seu empenho na melhoria da qualidade de vida dos moradores de Marudá na década de 1970, materializado pelas buscas de financiamentos e projetos sociais via LBA<sup>16</sup> e outras instituições. Isso lhe conferiu e lhe confere autoridade quando instituições, e já governamental ou não governamental, procuravam ou procuram injetar investimentos na Vila onde o auxílio dessa líder local é acionado de imediato. É curioso notar que a experiência de dona Ângela com projetos sociais a tornou popular em Marudá e em várias localidades do município de Marapanim. Isso lhe rendeu convites políticos, mas, no entanto, sua negativa em disputar a cadeira de vereadora municipal sempre foi algo presente. Segundo uma conversa informal, ela não concorda com o contexto político local, pois “é cheio de confusão e pouco benefício traz para a comunidade” (Potiguar Jr., 2008, p. 74).

Ao analisar o contexto de Soure, município do arquipélago do Marajó, Pamela Costa (2017) destaca que as mulheres desempenham um papel fundamental na Vila do Pesqueiro, onde exercem funções essenciais para a comunidade, a qual está integrada a uma Reserva Extrativista Marinha. A autora observa que essas mulheres atuam de forma simbólica, econômica e política, realizando atividades que podem ser classificadas em dois grandes eixos: aquelas que geram renda e aquelas que não geram.

Pamela Costa (2017) afirma que as mulheres inseridas na pesquisa que realizou contrapõem-se ao passado, quando suas vozes e desejos eram frequentemente subordinados aos de seus maridos. Durante sua pesquisa, as mulheres se percebiam como agentes que reivindicavam seus espaços, tanto no âmbito familiar quanto em eventos representativos da comunidade. Além disso, essas mulheres se posicionam

<sup>15</sup> Vale ressaltar que o nome original presente nesta citação foi substituído pelo nome fictício adotado nesta dissertação

<sup>16</sup> Legião Brasileira de Assistência.





## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

ativamente como usuárias das Unidades de Conservação, lutando pela garantia de seus direitos (Costa, 2017, p. 99). No contexto de Marudá, as mulheres com quem interagi não atuavam nem atuam diretamente como usuárias nas Unidades de Conservação, mas se empenhavam e seguem se empenhando na busca por qualidade de vida e cidadania. Nesse sentido, a senhora Ângela deixou um legado significativo para a comunidade.

### **Considerações finais**

Em maio do ano de 2024, realizei o último campo presencial, em que passei quatro dias na localidade, hospedada na casa da interlocutora Eduarda e sua família. Neste campo, pude dialogar com sua prima, que atualmente mora em Belém, mas que sempre que possível retorna para Marudá. Ela também está engajada e faz parte da Associação de Mulheres da Área Pesqueira de Marudá (Amapem), associação fundada no ano de 1997, no Bairro do Alegre. Pude brevemente conversar com as mulheres, adultas e crianças da associação e fui bem recepcionada por todas. Segundo a prima de Eduarda, a associação estava desativada, principalmente por conta da pandemia, mas estavam retornando de forma gradativa, com encontro de recreação e lazer, rodas de conversa sobre empoderamento e empreendedorismo feminino, voltados principalmente para o artesanato.

Até então, não tinham mencionado para mim a existência desta associação, mas Eduarda afirmou que agora retornou com muitas mobilizações da comunidade de forma coletiva. Outra associação que chegou a meu conhecimento através da interlocutora, esta mais mobilizada, é o Centro Comunitário de Marudá, que fica localizado no Bairro do Sossego. Pude conversar brevemente com a atual liderança comunitária, por conta de suas demandas no Centro Comunitário e me relatou sobre a iniciativa de novos projetos com as crianças e adolescentes, através do incentivo da escrita e da leitura relacionadas à história e à memória de Marudá.

Vale ressaltar que, de acordo com Petrônio Potiguar Jr. (2008) e Furtado (1987), o Centro Comunitário de Marudá surgiu a partir da criação do Oratório Festivo de Marudá, localizado na Igreja de São Pedro. É importante destacar que a Igreja de São Pedro foi a



## **Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

primeira igreja de Marudá, construída por meio da organização dos moradores dos Bairros do Sossego e Alegre, os mais antigos da localidade, liderada pela senhora Ângela. Esse oratório, sob a coordenação da senhora Ângela, promovia atividades voltadas à educação de crianças e adolescentes, além de recreação e trabalhos artesanais. Segundo o relato oral da professora Lourdes durante nossas conversas, o Oratório já existia desde sua primeira visita a Marudá, em 1972.

Uma das interlocutoras que faz parte da coordenação da Igreja de São Pedro atua nos projetos do Centro Comunitário, principalmente os ligados ao artesanato. Roberto Cardoso de Oliveira (1993) menciona sobre antropologia produzidas nas periferias, que estão relacionadas aos contextos e vivências específicas desses lugares e, ao entrar em contato com trabalhos sociológicos produzidos recentemente como de Carla Moreira (2024), as mulheres das comunidades tradicionais que vivem no Litoral do Pará, para ampliarem suas rendas familiares e, terem mais autonomia e empoderamento, são incentivadas pelas associações de mulheres a aprenderem a fazer artesanato.

Além de tudo, outro movimento é a aliança entre o meio acadêmico e as comunidades, a partir dos movimentos sociais, pois, como afirma Carla Moreira (2024) falando especificamente das mulheres nesses contextos, apesar de pouco presentes na literatura sobre a Amazônia, participaram ativamente dos processos de lutas socioambientais, através de resistências, estratégias diante de diversos sistemas de opressão, como o patriarcado, o capitalismo e o colonialismo. Dessa forma, o universo simbólico está sempre se mobilizando e sendo preservado pelas mobilizações de categoria social nos maretórios de Marudá.

### **Referências**

Brasil. **Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000.** Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Brasília: Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2000.

Costa, Pamela. **Um pescueiro real:** entre acordos e manejos na Resex Marinha de Soure. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.



**Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo – Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

Façanha, Cristiane & Silva, Carolina. Caracterização da Colônia de Pescadores Z2 de Cáceres em Mato Grosso. *Interações*, 2017.

Furtado, Diogo. Entre pesca e turismo balnear: Alternativos engajamentos dos moradores de Marudá (Amazônia Atlântica) ao trabalho. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 12, n. 4, p. 375-399, 2019.

Furtado, Lourdes. **Currallistas e Redeiros de Marudá**: Pescadores do litoral do Pará. CNPQ: Museu Paraense Emílio Goeldi (Coleção Eduardo Galvão), 1987.

Galvão, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. Ed. Nacional. 1955.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. [Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marinha no Município de Marapanim, Estado do Pará](#). Belém: ICMBio, 2014. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

Maldonado, Simone. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. *In*. Diegues, Antonio Carlos (Org). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB USP, 2000. p. 59-68.

Mauss, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: **Sociologia e Antropologia**. Com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi Strauss. Trad. Lamberto Puccinelli. São Paulo: Edições 70, 1974.

Moreira, Carla. Redes de solidariedade e justiça socioambiental: a rede de mulheres das marés e das águas do litoral do Pará. *In*: Seminário Internacional América Latina e Caribe. Belém: **Anais do 5º Seminário Internacional América Latina e Caribe**, p. 1236-1248, 2024.

Oliveira, Roberto Cardoso de. Antropologías periféricas versus antropologías centrales. *In*: Restrepo, Eduardo & Sandoval, Pablo. **Nuestras antropologías**. Elaboraciones y problemáticas desde América Latina y el Caribe. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Antropología, 1993. p. 45-63.

Potiguar Jr., Petrônio. **Caminhos e (des) caminhos do associativismo entre os “povos das águas”**: a Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá, Pará. Dissertação (Mestre em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável), Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.



**Dinâmicas e relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em uma localidade do maretório da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo - Pará**

*Layse Rosa Miranda da Costa*

Prost, Catharine. Reservas Extrativistas Marinhas: avanço ou retrocesso? **Desenvolvi. Meio Ambiente**, v. 48, n. Edição Especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, p. 321-342, 2018.

Ramalho, Cristiano. Pescados, pescarias e pescadores: notas etnográficas sobre processos ecossociais. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, v. 11, n. 2, p. 391-414, 2016.

Ramalho, Cristiano. O mundo das águas e seus laços de pertencimento. **Raízes**, v. 23, ns. 1-2, p. 62-72, 2004.

Sahlins, Marshall. **Cosmologia do capitalismo**: o setor transpacífico do “sistema mundial”. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1992.

Santos, Marcia. **Conflitos socioambientais, desafios e possibilidades da gestão compartilhada**: o caso da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, em Marapanim-PA. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia), Belém: Universidade Federal do Pará, 2020.

Sousa, Paulo; Araos, Francisco & Alencar, Edna. **Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas, Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinheiros e a Defesa dos Maretórios na Amazônia Brasileira**. Atores, territórios e dinâmicas regionais de desenvolvimento: diálogos Brasil - Chile. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

Sousa, Victor; França, Jessica & Araos, Francisco. Maretório e os povos tradicionais extrativistas costeiras e marinhos do litoral do Pará, Brasil. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 26, n. 2, p. 67-91, 2024.

Sztompka, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.